



FACULDADE VALE DO SALGADO – FVS
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

DALVELINA FERREIRA DE MELO

**AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA ACERCA DOS
MÉTODOS MAIS UTILIZADOS**

Icó
2018

Jaime Romero de Souza
Diretor Presidente da Faculdade Vale do Salgado

Antônio Wilson Santos
Diretor Executivo da Faculdade Vale do Salgado

Janaina Batista Pereira
Coordenadora do Curso de Psicologia

DALVELINA FERREIRA DE MELO

**AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA ACERCA DOS
MÉTODOS MAIS UTILIZADOS**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Psicologia da Faculdade Vale do Salgado (FVS), como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora: Profa. Ms. Jéssica Queiroga de Oliveira.

Icó
2018

DALVELINA FERREIRA DE MELO

**AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA ACERCA DOS
MÉTODOS MAIS UTILIZADOS**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Psicologia da Faculdade Vale do Salgado (FVS), como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Ms. Jéssica Queiroga de Oliveira
Faculdade Vale do Salgado – FVS
Orientadora

Profa. Ms. Vanessa Carneiro Bandeira de Carvalho Cruz
Faculdade Vale do Salgado – FVS
1º Membro

Prof. Esp. Marcossuel Gomes Acioles
Faculdade Vale do Salgado – FVS
2º Membro

Icó
2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu filho, Heitor, que mesmo antes de nascer é meu maior presente e motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus que me permitiu ter saúde e ânimo para concluir essa pesquisa.

Agradeço de modo especial aos meus pais, Francisca e Manoel, pelo amor incondicional, pela capacidade de acreditar no meu potencial e por investir em mim e na minha carreira, sempre me dando segurança para prosseguir. Devo essa conquista a vocês.

Ao meu esposo, Halisson, pessoa a quem amo e com quem tenho dividido os meus sonhos e a vida. Obrigada pelo seu apoio, por compartilhar os momentos de conquistas e pela sua capacidade de me trazer paz e me fazer sorrir mesmo nos dias mais difíceis. Você me deu forças para chegar até aqui.

Aos meus irmãos, Juscelio e José, pelo amor, carinho e respeito com que sempre me trataram. Obrigada por dividirem a infância e a vida comigo e por terem me dado os melhores sobrinhos do mundo (Wellington Yasmin, Yorrane e Elloá). Sou grata pela experiência de ser tia.

Às minhas amigas e colegas de profissão, Leidiana e Maiza, que tão carinhosamente me ajudaram a superar os momentos de dificuldade, os medos e angústias que surgiram ao longo dessa trajetória. Obrigada por permanecerem ao meu lado e por me incentivarem a ser uma pessoa melhor. Vocês também fazem parte da minha família.

À minha orientadora, Jéssica Queiroga, pela disponibilidade, incentivo e suporte tão importante para que eu pudesse concluir esse estudo. Eu não teria conseguido sem o seu apoio. Essa conquista é nossa!

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação, o meu muito obrigada.

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

Carl Gustav Jung

MELO, Dalvelina Ferreira de. **Avaliação Psicológica: Uma revisão integrativa acerca dos métodos mais utilizados.** 41 f. Monografia. Curso de Bacharelado em Psicologia, Faculdade Vale do Salgado/FVS, Icó/CE, 2018.

RESUMO

A avaliação psicológica começa a ser demarcada enquanto prática na transição do século XIX para o século XX, época marcada pelo surgimento dos testes. Apesar de ser uma prática bastante presente no fazer psicológico, não há um consenso no que diz respeito a diferenciação entre avaliação psicológica e psicodiagnóstico, sendo estes, muitas vezes utilizados como sinônimos pelos profissionais. Além disso, tanto no processo de avaliação psicológica quanto no psicodiagnóstico, os profissionais podem se utilizar de diferentes técnicas e instrumentos para coleta e análise dos dados. Tais técnicas e métodos deverão estar embasados em teorias reconhecidas pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP, ficando a critério do profissional a escolha dos instrumentos que serão utilizados para realização da avaliação psicológica. **Objetivo:** Discutir as técnicas de diagnóstico e avaliação psicológica, identificando as mais utilizadas pelos profissionais de psicologia. **Método:** Trata-se de um estudo de Revisão de literatura do tipo Integrativa, desenvolvida com artigos de 2007 á 2017. O levantamento foi realizado nas bases de dados SCIELO e Biblioteca Virtual em Saúde – BVS. O método empregado consiste no caráter dedutivo a partir de uma abordagem quantitativa. **Resultados:** Dos 782 artigos encontrados, totalizou-se uma amostra de dez artigos em português. Os resultados apontam que a entrevista é a ferramenta mais utilizada pelos profissionais de psicologia para a realização da avaliação psicológica. **Conclusão:** Destaca-se que quando utilizadas de maneira conjunta, as técnicas de avaliação psicológica se mostram mais eficazes e confiáveis contribuindo com uma análise detalhada do sujeito, do que quando utilizadas de maneira isolada, pois fornecem ao profissional a possibilidade de confrontar as informações e dados colhidos fornecendo um diagnóstico mais preciso.

Palavras-Chave: Técnicas e procedimentos diagnósticos. Técnicas Psicológicas. Entrevista psicológica.

MELO, Dalvelina Ferreira de. **Psychological Assessment: An integrative review about the most used methods**. 41 f. Monography. Bachelor's Degree in Psychology, Faculdade Vale do Salgado/FVS, Icó/CE, 2018.

ABSTRACT

Psychological evaluation begins to be demarcated as a practice in the transition from the nineteenth century to the twentieth century, a time marked by the emergence of the tests. Although it is a practice that is quite present in psychological work, there is no consensus regarding the differentiation between psychological evaluation and psychodiagnostic, and these are often used as synonyms by professionals. In addition, both in the process of psychological assessment and in the psychodiagnosis, professionals can use different techniques and instruments for data collection and analysis. Such techniques and methods should be based on theories recognized by the Federal Council of Psychology - CFP, leaving the professional to choose the instruments that will be used to perform the psychological evaluation. Objective: To discuss the techniques of diagnosis and psychological evaluation, identifying the most used by professionals of psychology. Method: This is a literature review of the Integrative type, developed with articles from 2007 to 2017. The survey was carried out in the databases SCIELO and Virtual Health Library - VHL. The method employed is the deductive character from a quantitative approach. Results: Of the 782 articles found, a sample of ten articles in Portuguese was added. The results indicate that the interview is the tool most used by psychology professionals to perform the psychological evaluation. Conclusion: When used together, psychological assessment techniques are more effective and reliable, contributing to a detailed analysis of the subject, than when used in isolation, as they provide the professional with the possibility to confront the information and data collected by providing a more accurate diagnosis.

Keywords: Diagnostic Techniques and Procedures. Psychological Techniques. Interview, Psychological.

LISTA DE ABREVIACOES OU SIGLAS

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CFP – Conselho Federal de Psicologia

DCS – Descritores em Ciências da Saúde

ESP. – Especialista

Et al. – E outros

FVS – Faculdade Vale do Salgado

MS. – Mestre

PROFA. – Professora

PROF. – Professor

SATEPSI – Sistema de Avaliao de Testes Psicológicos

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Argumentos do método dedutivo.....	28
Tabela 2 – Levantamento dos achados nas Bases de dados SCIELO e BVS	30
Tabela 3 – Caracterização dos estudos selecionados	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	15
3.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E PSICODIAGNÓSTICO	18
3.3 TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	21
3.3.1 Testes Psicométricos	22
3.3.2 Técnicas Projetivas	23
3.3.3 Entrevista Clínica	24
3.3.4 Observação Clínica	25
4. MATERIAIS E MÉTODOS	27
4.1 TIPO DE PESQUISA	27
4.2 FORMULAÇÃO DAS QUESTÕES NORTEADORAS DA PESQUISA	28
4.3 PERÍODO DA COLETA	29
4.4 BASES DE DADOS E BIBLIOTECAS PARA BUSCA	29
4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	29
4.6 ANÁLISE, ORGANIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	29
4.7 VARIÁVEIS DE DADOS	30
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Em seus primórdios, do século XIX para o século XX, a avaliação psicológica teve forte influência dos testes psicológicos e das ideias behavioristas, embasadas em uma perspectiva biomédica de compreensão do comportamento humano. Dessa maneira, essa época foi marcada pela produção de conhecimento científico de forma objetiva, evidenciando a postura positivista, experimental e da observação imparcial dos fenômenos psicológicos (ANCONA-LOPEZ, 2016; CESCÓN, 2013).

A partir dessa concepção surgem então, três principais modelos de avaliação psicológica: modelo biomédico, modelo psicométrico e modelo behaviorista. O modelo biomédico de diagnóstico psicológico estava pautado nas ideias e na forma de estrutura dos médicos para avaliar seus pacientes. Entretanto, algumas alterações foram necessárias para que esse modelo pudesse atender as necessidades dos profissionais de psicologia. Portanto, houve uma maior atenção nas características psicológicas do paciente e a utilização dos conhecimentos nosológicos acerca das psicopatologias, além do uso de técnicas e instrumentos padronizados (ANCONA-LOPEZ, 2016; CESCÓN, 2013).

Já no modelo psicométrico é possível perceber uma influência maior dos testes que, na época, garantia a identidade profissional dos psicólogos já que se apresentava como uma ferramenta exclusiva da atuação em psicologia. Foi por meio da utilização de testes que os psicólogos ganharam espaço, estes tinham o intuito de medir características bem específicas do indivíduo, como a capacidade intelectual. Por outro lado, o modelo behaviorista estava embasado na forma positivista de compreensão do ser humano que acredita ser possível estudar o indivíduo a partir da concepção objetiva e pragmática (ANCONA-LOPEZ, 2016).

A avaliação psicológica é definida atualmente como um processo amplo que inclui a coleta, manipulação, interpretação e análise de dados, tendo como objetivo auxiliar o profissional de psicologia a uma tomada de decisão ou conclusão com base nos métodos e técnicas reconhecidos pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Esses instrumentos podem ser padronizados, como o uso de entrevistas estruturadas e testes psicométricos; ou não padronizados, como entrevistas abertas, observação clínica e técnicas projetivas. Portanto, o processo de avaliação psicológica requer um preparo do profissional para utilização e manejo adequado das técnicas e instrumentos, sejam eles padronizados ou não (CFP, 2018; COHEN, 2014).

Conforme Krug, Trentini e Bandeira (2016), apesar da avaliação psicológica ser uma prática bastante presente no fazer psicológico, não há um consenso no que diz respeito a

diferenciação entre avaliação psicológica e psicodiagnóstico, sendo estes muitas vezes utilizados como sinônimos pelos profissionais. Além disso, tanto no processo de avaliação psicológico quanto no psicodiagnóstico, os profissionais podem se utilizar de diferentes técnicas e instrumentos para coleta e análise dos dados.

Perante o exposto, o objetivo desse estudo é discutir as técnicas de diagnóstico e avaliação psicológica, identificando as mais utilizadas pelos profissionais de psicologia. O desfecho primário que espera-se alcançar é a concepção de que grande parte dos psicólogos não utilizam testes como ferramenta para o diagnóstico, priorizando o uso de recursos não padronizados como a entrevista inicial e observação clínica, incluindo jogos e brincadeiras no caso de atendimento infantil. Essa hipótese fundamenta-se na ideia de que os profissionais sentem-se mais seguros ao utilizar instrumentos menos estruturados devido ao fato desses exigirem uma aplicação menos rigorosa.

Discussões voltadas para esta temática possibilitam a compreensão acerca dos recursos disponíveis para a avaliação psicológica e contribuem para a atualização das técnicas utilizadas atualmente, inclusive problematizando a formação profissional adequada para a utilização de instrumentos padronizados como os testes, já que estes podem ser um importante recurso na avaliação psicológica.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Discutir as técnicas de avaliação psicológica mais utilizadas pelos profissionais de psicologia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as técnicas de avaliação psicológica;
- Elencar as técnicas de avaliação psicológica mais utilizadas pelos profissionais de psicologia.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

A avaliação psicológica inicia seus primeiros passos na transição do século XIX para o século XX, época marcada pelo surgimento dos testes. Durante esse período, a avaliação psicológica recebia forte influência das ideias e teorias que evidenciavam a análise do comportamento, da cognição e do afeto para a compreensão acerca do dinamismo da mente humana. Nessa atmosfera, cabia ao profissional de psicologia a função de testólogo, ou seja, aquele profissional responsável por realizar os testes necessários em pessoas com finalidades bem específicas, tais como selecionar pessoas que melhor se enquadrassem na realização de atividades de alto risco, com o passar dos anos foi se tornando um procedimento que engloba cada vez mais diferentes tipos de estratégias. Assim a avaliação psicológica passou, não apenas a identificar comportamentos patológicos, mas também as características potenciais dos indivíduos (ANCONA-LOPEZ, 2016; CESCO, 2013). Foi também no século XX que a ciência positivista começou a avançar, demandando cada vez mais recursos objetivos e válidos para a aplicação clínica, fornecendo um impulso para o desenvolvimento dos meios de avaliação psicológica (SARTES; SOUZA-FORMIGONI, 2013).

James McKeen Cattell é considerado um dos precursores em relação ao uso de testes como ferramentas de avaliação psicológica, pois desde 1890 vinha realizando publicações na área. O próprio Cattell chegou a conclusão de que, apesar da grande quantidade de testes utilizados, pouca era a investigação e os estudos relativos a qualidade e a responsabilidade do uso dessa ferramenta, alegando que essa expansão poderia ser um fator prejudicial e que medidas de controle quanto a manipulação dos testes deveriam ser implementadas, inclusive restringindo seu uso a profissionais qualificados para tal prática. Assim, em 1921, Cattell e cerca de 200 profissionais de psicologia foram os pioneiros em estabelecer um conjunto de regras e normas sobre o uso dos testes psicológicos (ANCONA-LOPEZ, 2016; AVOGLIA, 2012).

Hermann Rorschach publicou em 1927 o teste de manchas de tinta no qual foi empregado pela primeira vez o termo “Psicodiagnóstico”. Embora seu surgimento esteja ligado diretamente a um teste projetivo, no caso ao Teste de Rorschach, o psicodiagnóstico foi bem aceito pela psicologia de modo geral, se ampliando para os demais testes existentes, incluindo os psicométricos. Assim, o uso da palavra psicodiagnóstico prevaleceu pelo continente europeu como sinônimo de avaliação psicológica. Em contrapartida, nos demais

países a expressão psicodiagnóstico foi utilizada relacionado a avaliação psicológica realizada em âmbito clínico, visando a verificação de psicopatologias no sujeito (ANCONA-LOPEZ, 2016; AVOGLIA, 2012).

Um fator importante para o desenvolvimento da avaliação psicológica foi a publicação do livro “Psychological Tests and Personnel Decisions” tendo como autores Cronbach e Gleser (1957, 1965). A publicação deste livro torna explícita a ideia de que a avaliação psicológica consiste no processo de tomada de decisão mediante situações reais que objetivam resoluções de problemas concretos referentes a diversos âmbitos da vida do sujeito seja educacional, social, institucional, comunitário e de personalidade (ANCONA-LOPEZ, 2016; AVOGLIA, 2012).

No Brasil, a prática da avaliação psicológica, apesar de ser respeitada na profissão, foi alvo de questionamentos em sua construção histórica com relação a formação e ao preparo técnico científico dos profissionais de psicologia para realização da avaliação psicológica adequada a realidade local (BORSA, 2016). No ano de 2003 foi lançada a Resolução 002/2003 do CFP que diz respeito à elaboração, o uso e comercialização dos testes psicológicos. Além disso, essa resolução assegura o uso de testes psicológicos como ferramenta da avaliação psicológica e privatiza seu uso somente aos profissionais de psicologia (CFP, 2003). Outra resolução importante para a prática da avaliação psicológica no Brasil é a n° 007/2003 do CFP que dispõe acerca da elaboração dos documentos produzidos pelos psicólogos decorrentes de avaliação psicológica. Essa resolução fornece orientações importantes e ressalta os aspectos técnicos e éticos necessários para a construção dos documentos relativos ao processo avaliativo (CFP, 2003).

As estratégias de avaliação psicológica foram sendo aprimoradas e os profissionais passaram a lançar mão de recursos de maneira integrada, tendo em vista as necessidades apresentadas por cada demanda, incluindo ao processo de avaliação psicológica e ao psicodiagnóstico um caráter mais dinâmico que integra os aspectos sociais, culturais, individuais e ideológicos do sujeito avaliado (CESCON, 2013).

Em abril deste ano o Conselho Federal de Psicologia aprovou a Resolução n° 09/2018 que determina as diretrizes da avaliação psicológica realizada no exercício profissional dos (as) psicólogos (as) e regulamenta o SATEPSI, revogando as Resoluções mais antigas como é o caso da n° 002/2003, n° 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n°01/2017 e 02/2017. De acordo com esta nova Resolução, a 09/2018, a avaliação psicológica pode ser definida como “um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos” (CFP, 2018) com a finalidade de promover dados e informações que proporcionam uma tomada de decisão do

profissional seja no contexto institucional, individual ou grupal, de acordo com as particularidades de cada demanda (CFP, 2018).

Este processo inclui técnicas, métodos e instrumentos que deverão estar embasadas em teorias reconhecidas pelo CFP, ficando a critério do profissional a escolha dos instrumentos que serão utilizados para realização da avaliação psicológica. Com relação às fontes que poderão ser consultadas ao realizar o processo de avaliação, os profissionais podem se utilizar de testes psicológicos reconhecidos e aprovados pelo CFP, entrevistas, anamnese ou protocolos de observação do comportamento ou, ainda buscar fontes complementares, desde que estas estejam em concordância com o Código de Ética da profissão (CFP, 2018).

Um erro bastante comum no mundo acadêmico e na atuação profissional em psicologia é a confusão conceitual entre a avaliação psicológica e a testagem psicológica. Embora ambos os processos possam se valer de testes reconhecidos pelo CFP, a avaliação psicológica é algo mais amplo que o processo de testagem, envolvendo uma série de instrumentos para obtenção, manipulação e análise dos dados (BORSA, 2016; COHEN; SWERDLIK; STURMAN, 2014).

Por outro lado, a testagem psicológica é um procedimento com uma finalidade bem específica, no qual é realizada a aplicação de testes e por isso requer habilidade por parte do avaliador, tanto na aplicação como na análise dos resultados obtidos. O objetivo principal da testagem psicológica é mensurar um construto ou mais a partir de determinadas características do indivíduo. Essa mensuração é feita por meio de instrumentos validados, fidedignos e projetados especialmente para captar as particularidades do construto que se pretende medir durante o processo de testagem psicológica (COHEN; SWERDLIK; STURMAN, 2014).

Na avaliação psicológica são utilizadas ferramentas como entrevistas, observação clínica, entre outras técnicas que vão além do uso de testes, assim a testagem psicológica pode ser considerada uma das fases da avaliação psicológica, tendo como principal finalidade a obtenção de informações que irão contribuir com a investigação das características do sujeito. Dessa maneira, ao se compreender a testagem enquanto uma das ferramentas do processo de avaliação, o profissional poderá ter uma visão mais ampla do avaliando, utilizando-se dos testes em contraste com as demais ferramentas, o que irá possibilitar ao profissional uma análise mais detalhada e uma avaliação completa (BORSA, 2016).

Outra questão discutida no mundo acadêmico é a distinção entre avaliação psicológica e psicodiagnóstico. Neste sentido, Krug, Trentini e Bandeira (2016) definem psicodiagnóstico como um processo de caráter científico, relativo ao contexto clínico, sendo realizado em um tempo limitado, a luz do contrato estabelecido entre paciente ou responsável e psicoterapeuta.

No psicodiagnóstico há a utilização de diferentes técnicas e testes embasados em uma teoria com a finalidade de verificar características específicas do sujeito e, se possível, são apresentadas as soluções cabíveis e/ou recomendações. Os autores ainda ressaltam a importância do uso de mais de uma técnica no psicodiagnóstico, pois permite uma ampliação da visão do terapeuta a respeito do caso do paciente.

Nessa perspectiva, a Cartilha de avaliação psicológica do CFP afirma que a avaliação psicológica abarca as demais técnicas, incluindo ou não o uso dos testes e compreende que é uma investigação com a finalidade de tomada de decisão propagada pelo profissional de psicologia que faz uso de procedimentos fidedignos embasados em uma teoria. Dessa forma, pode-se verificar que não há uma obrigatoriedade no uso de testes para a realização da avaliação psicológica, ficando a critério do profissional se utilizar ou não de testes psicológicos no processo avaliativo (CFP, 2013).

Há atualmente dois posicionamentos divergentes acerca da avaliação psicológica; de um lado há uma forte crítica quanto ao uso dos testes psicológicos, entendendo estes como uma ferramenta que proporciona um conhecimento tecnicista e metódico que alimenta a exclusão social ao passo que enquadra o sujeito em uma determinada condição; de outro, os defensores da utilização dos testes para o processo avaliativo definem essa ferramenta como sendo algo legítimo, construído a partir de um saber científico, tendo sua validade comprovada (CESCON, 2013).

Percebe-se que avaliar não é uma tarefa fácil e pressupõe um diagnóstico de algo ou alguém. Além disso, os profissionais de psicologia são convocados a emitir documentos oficiais acerca dessa avaliação, como no caso do laudo. Dessa forma, tanto na avaliação psicológica quanto no psicodiagnóstico, deve-se levar em consideração os recursos que o profissional dispõe naquele momento, sua identificação com determinada abordagem teórica, seu posicionamento ético frente ao outro e sua formação acadêmica para manipular esses instrumentos (AVOGLIA, 2012).

3.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E PSICODIAGNÓSTICO

Na literatura, o psicodiagnóstico tradicional é discutido enquanto uma prática direcionada para a descrição e esclarecimento da problemática apresentada pelo paciente, tendo como finalidade o processo de tomada de decisão do profissional e direcionamento para os encaminhamentos necessários. Ou seja, há uma distinção entre a fase avaliativa/diagnóstica

e o processo de intervenção propriamente dito (EVANGELISTA, 2016; SODRÉ; OLIVEIRA, 2015; SALLES, 2014; YEHA, 2013). Esse tipo de diagnóstico, realizado de maneira tradicional, nasce na prática de consultório particular, porém nem sempre é capaz de responder às expectativas dos indivíduos que procuram esse serviço já que na maioria das vezes os usuários demandam respostas interventivas no dado momento em que procuram o profissional (EVANGELISTA, 2016). Dessa forma, o psicodiagnóstico tradicional, pode acabar postergando o processo interventivo, deixando de lado as questões emergenciais do sofrimento do sujeito (EVANGELISTA, 2016; SALLES, 2014).

Salles (2014) destaca que o psicodiagnóstico tradicional sofreu forte influência das ciências positivistas e da maneira biomédica de se relacionar com os pacientes, sendo que este último acaba por ocupar uma posição de neutralidade e passividade no processo, fornecendo ao profissional as informações necessárias para que o mesmo conduza todo o psicodiagnóstico. Essa maneira de interação com o paciente culmina em um distanciamento na relação entre profissional e paciente, diminuindo a possibilidade do psicólogo se vincular com as demandas apresentadas pelo sujeito.

Os estudos referentes a epistemologia do psicodiagnóstico destacam que com o passar dos anos o processo de psicodiagnóstico foi se aprimorando, assim como as demais modalidades de avaliação psicológica e a psicologia de modo geral, propiciando o surgimento de novas maneiras de compreensão acerca do comportamento e da mente humana. Em oposição ao psicodiagnóstico tradicional podemos citar o surgimento do psicodiagnóstico de caráter interventivo tendo como base teórica as ideias da fenomenologia, do existencialismo e da psicanálise. Enquanto o psicodiagnóstico tradicional é centrado na coleta de dados e diagnóstico do paciente, o psicodiagnóstico interventivo é uma prática mais utilizada no contexto clínico visando compreender o sujeito a partir de uma visão holística, integrando o processo de avaliação às intervenções terapêuticas (SODRÉ; OLIVEIRA, 2015; SALLES, 2014; YEHA, 2013).

Dessa forma, o psicodiagnóstico interventivo possibilita um processo avaliativo mais dinâmico permitindo ao paciente inúmeros benefícios, indo muito além do diagnóstico de patologias (EVANGELISTA, 2016; SODRÉ; OLIVEIRA, 2015; MILANI; TOMAEL; GREINERT, 2014). Um dos principais benefícios da utilização do psicodiagnóstico interventivo é que ao final da avaliação, não necessariamente, os indivíduos irão necessitar serem encaminhados para iniciar o processo terapêutico em si, já que muitos casos são resolvidos a partir das intervenções feitas no próprio processo de avaliação. Entretanto, ainda há casos em que o encaminhamento se faz necessário, pois as intervenções durante o

psicodiagnóstico não conseguiram suprir todas as lacunas do sofrimento do sujeito que poderá necessitar de ajuda especializada. Dessa maneira, cabe ao profissional verificar a necessidade ou não de um possível encaminhamento já que este é um dos objetivos da avaliação psicológica, seja no viés tradicional ou interventivo (EVANGELISTA, 2016; YEHIA, 2013).

No Brasil, foram as abordagens de base fenomenológica-existencial que contribuíram com os primeiros passos da implantação do psicodiagnóstico interventivo no país, tendo como representante a pesquisadora Ancona-Lopes. Por outro lado, o psicodiagnóstico interventivo de origem psicanalítica ganhou destaque no Brasil no ano 2000 e atualmente percebem-se dois principais modelos de psicodiagnóstico interventivo predominantes no país, o de base fenomenológica-existencial e o de perspectiva psicanalista (SODRÉ; OLIVEIRA, 2015; MILANI; TOMAEL; GREINERT, 2014).

No caso do psicodiagnóstico interventivo na abordagem fenomenológica-existencial há uma maneira diferenciada de compreender a relação estabelecida entre terapeuta e cliente, sendo este último mais ativo no processo, desempenhando uma função mais participativa e de maior envolvimento com o processo de análise. Assim, terapeuta e cliente, tornam-se responsáveis pelos possíveis encaminhamentos decorrentes do processo de avaliação psicológica. No psicodiagnóstico fenomenológico-existencial, o profissional não assume a figura de “técnico”, nem tão pouco de detentor do saber, portanto, seus conhecimentos teóricos não ocupam um lugar privilegiado já que a relação entre terapeuta e cliente é baseada na cooperação, entendendo o indivíduo como um ser que tem capacidade de observar e analisar as experiências relatadas por ele ao longo do processo (EVANGELISTA, 2016; YEHIA, 2013).

Sendo assim, o terapeuta realiza um processo de compartilhamento entre os insights produzidos pelo cliente e a compreensão dele enquanto profissional. Essa relação deverá resultar na utilização de estratégias eficazes para o processo, com uma visão mais ampliada da realidade do cliente o que poderá contribuir em intervenções com efeitos terapêuticos desde o início do psicodiagnóstico (EVANGELISTA, 2016; YEHIA, 2013). Desse modo, o psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial tem como finalidade compreender a demanda, a partir de uma participação colaborativa do cliente, buscando realizar as intervenções necessárias possibilitando a análise e possíveis encaminhamentos, ao passo que também oferece um espaço de compreensão sobre a situação atual do indivíduo, agindo de maneira pontual (EVANGELISTA, 2016).

No caso do psicodiagnóstico interventivo psicanalítico, busca-se produzir uma compreensão do paciente permitindo um processo capaz de propiciar mudanças na vida do

sujeito. Nessa perspectiva de psicodiagnóstico não há uma delimitação de tempo ou de números de sessões de maneira predeterminada, o que ocorre na verdade, é um espaço no qual o sujeito possa ter uma vivência emocional construtiva a fim de que possa resgatar seu processo de desenvolvimento. Por esse motivo, é importante que o papel desempenhado pelo terapeuta seja o de facilitador desse processo do paciente, sendo reconhecido enquanto alguém disponível para ajudar (MILANI; TOMAEL; GREINERT, 2014).

Assim como no psicodiagnóstico interventivo de matriz fenomenológica-existencial, o de base psicanalítica também realiza intervenções desde o início do processo de avaliação, todavia, o intuito de tais intervenções está pautado na apreensão dos conteúdos emergentes significativos que podem aparecer em qualquer momento do processo de avaliação. Dessa maneira, as técnicas projetivas podem ser uma importante ferramenta para o profissional que irá realizar as intervenções no psicodiagnóstico interventivo psicanalítico já que poderá, por meio desse método menos estruturado, realizar intervenções de modo a ajudar o paciente a ressignificar suas vivências (MILANI; TOMAEL; GREINERT, 2014; SALLES, 2014).

A partir dessa nova perspectiva de diagnóstico pautado nos ideais da psicanálise, surge uma problemática com relação a sua aplicação clínica e a supervalorização dos profissionais das técnicas de associação livre, como a entrevista livre, em detrimento do uso de testes psicológicos o que levou a desvalorização das ferramentas estruturadas e de aplicação padronizada. Entretanto, compreender o psicodiagnóstico a partir de uma visão psicanalítica não elimina a possibilidade de utilização das técnicas padronizadas no processo de psicodiagnóstico e tão pouco deve ser compreendido como um processo de análise visto que no psicodiagnóstico há uma temporalidade que deve ser respeitada. Todavia, mesmo quando o profissional utiliza de meios estruturados, isso não impossibilita o diálogo e as intervenções do terapeuta (SALLES, 2014).

3.3 TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Com relação ao processo de diagnóstico, seja na avaliação psicológica ou no psicodiagnóstico, uma das etapas importantes é a escolha dos instrumentos e técnicas que serão utilizados para que os resultados decorrentes da avaliação possam ser os mais fidedignos possíveis (TRENTINI; BANDEIRA; KRUG, 2016). Os instrumentos podem ser definidos como os meios pelo qual é realizada a coleta de informações, estes devem ser válidos e fidedignos, pois irão servir como suporte em todo o processo de avaliação (GASPARETTO; SCHMIDT, 2013).

O uso inadequado de técnicas e instrumentos pode resultar em inferências errôneas por parte do profissional e possivelmente em encaminhamentos indevidos que podem interferir na vida do sujeito de maneira negativa. Dessa forma, cabe ao profissional escolher o melhor caminho para a realização de um diagnóstico mais preciso e coerente com a realidade do avaliando. Além disto, a escolha das técnicas irá demandar uma hipótese inicial que poderá ser confirmada ou negada durante o processo de avaliação, essa hipótese deverá ser embasada na escuta e no tipo de demanda referente ao diagnóstico (TRENTINI; BANDEIRA; KRUG, 2016).

Os autores discutem dois tipos de demandas no psicodiagnóstico, aquelas que estão relacionadas a questões bem específicas como a descrição de um quadro clínico, a existência ou não de determinado transtorno; e aquelas referentes a uma avaliação mais ampla como é o caso da investigação sobre as causas e fatores desencadeantes do quadro clínico do paciente. Após avaliar que tipo de demanda está lidando, o profissional deverá verificar quais os instrumentos que melhor se adequa aquela demanda específica, levando em consideração seu conhecimento teórico acerca do ser humano e possível psicopatologia. Só a partir de então, poderá lançar mão das diversas estratégias que o auxiliarão durante todo o processo de avaliação psicológica (TRENTINI; BANDEIRA; KRUG, 2016).

A seguir serão apresentados os principais instrumentos e técnicas que podem nortear o processo de avaliação psicológica, assim como, o psicodiagnóstico.

3.3.1 Testes Psicométricos

Iniciando-se em meados de 1880 com os estudos de Galton, perpassando pelas contribuições de Binet, em 1900 (época marcada pelos testes de inteligência), os testes psicométricos foram elemento de grande importância para o desenvolvimento dos meios de avaliação psicológica (SARTES; SOUZA-FORMIGONI, 2013). Apesar de ser um nome pouco lembrado quando o assunto é psicometria, Galton contribuiu para o surgimento de testes psicométricos, denominado por ele, inicialmente, de “testes mentais”. Galton, ao contrário dos estudiosos da época, não tinha a intenção de medir a capacidade do sujeito no processo de tomada de decisão, sendo seus estudos centrados, portanto, na distribuição das diversas características dos indivíduos. Suas ideias se uniram, mais tarde, aos estudos de Binet e teve importante contribuição para os avanços na área da psicologia (SILVA, 2011).

Binet produziu alguns estudos com a colaboração de Victor Henri, especialmente com foco na ideia de “Psicologia Individual” que consiste no estudo das funções mentais mais

complexas, como a atenção e a memória. Esses estudos contrariavam as ideias da época quando a maior parte das pesquisas focalizavam na compreensão dos fenômenos mentais a partir dos processos básicos, como a percepção. Posteriormente, Binet interessou-se em pesquisar as diferenças individuais na inteligência e assim, com a colaboração de Simon, desenvolveu um instrumento de mensuração desse construto embasado em dois grupos de alunos, um grupo denominado de subnormal e o outro normal. Binet e Simon compreendem a inteligência como um processo individual que pode aumentar com o passar dos anos (SILVA, 2011). Atualmente, a Escala Binet-Simon é um dos recursos mais utilizados para mensurar a o nível intelectual, tendo como objetivo medir o construto inteligência de maneira global, entendendo como um processo que envolve habilidades cognitivas particulares de cada indivíduo (MARTELETO et al, 2012).

Grande parte dos instrumentos utilizados no processo de avaliação possuem características psicométricas em sua base que é a questão da validade e da confiabilidade. Dessa maneira, dizemos que um instrumento é válido quando ele possui capacidade de medir aquilo que se dispõe, um conceito/construto ou característica específica dos sujeitos. Por outro lado, a confiabilidade pode ser definida como o grau de concordância que o teste possui, podendo ser aplicado em diferentes sujeitos com a mesma finalidade, ou seja, é a reprodutibilidade do teste (SARTES; SOUZA-FORMIGONI, 2013).

3.3.2 Técnicas Projetivas

As técnicas projetivas foram inseridas no contexto da avaliação psicológica em meados do século XX com forte influência das ideias psicanalistas que forneceram um referencial teórico acerca dos conceitos de projeção, fantasias, personificação e compromisso. Embora seja uma ferramenta reconhecida pela psicologia, os testes projetivos tiveram sua eficiência questionada por alguns autores como a Anastasi que escreveu sobre a conduta duvidosa desse tipo de testes já que eram muito amplos e deixavam a desejar no critério de objetividade. É interessante ressaltar que ao julgar o caráter fidedigno de uma determinada técnica, deve-se levar em consideração qual a finalidade da técnica e a que ela se dispõe e não apenas realizar uma espécie de comparação entre os parâmetros avaliativos dos testes projetivos e os psicométricos já que cada um pretende realizar o processo de avaliação de maneira diferenciada, logo terão finalidades semelhantes, mas caminhos diferentes (PINTO, 2014).

A expressão “técnicas projetivas” se deve ao fato da projeção apresenta-se como um aspecto inerente a esses testes, permitindo uma análise dinâmica e completa do sujeito. É possível identificar uma variação com relação a nomenclatura deste tipo de técnica, podendo ser descrita como técnicas “intuitivas”, “impressionistas”, “autoexpressivas” ou “técnicas de resposta livre” fazendo referência as técnicas projetivas (MIGUEL, 2014).

Os testes projetivos são, portanto, ferramentas de mensuração das características interpessoais, emocionais e de motivação do sujeito. Uma das principais particularidades das técnicas projetivas está relacionada ao fato das tarefas apresentarem estímulos relativamente não-estruturados, ambíguos, não contendo muitas instruções ou interrupções do profissional, fornecendo um espaço no qual o sujeito poderá projetar as características fundamentais do seu funcionamento psicológico. Este tipo de teste permite ainda uma variedade quase ilimitada de respostas o que possibilita uma grande apreensão de características da personalidade do sujeito, mesmo aquelas relativas ao inconsciente, pois seus estímulos pouco estruturados promovem menos resistência no sujeito. A finalidade das técnicas projetivas é a análise da personalidade do indivíduo de forma global, sem isolar traços característicos da personalidade, permitindo uma avaliação mais ampla (PINTO, 2014).

3.3.3 Entrevista clínica

A entrevista, no processo de avaliação psicológica, tem como objetivo principal conhecer o paciente a partir das informações fornecidas pelo indivíduo. Dessa forma, o profissional se utiliza de perguntas norteadoras e analisa as informações extraídas, realizando a formulação de hipóteses sobre o caso que irão nortear todo o processo de avaliação. A coleta de informações na entrevista pode sofrer variações dependendo do objetivo do psicodiagnóstico e da abordagem adotada pelo profissional, podendo ser mais diretiva ou menos formal (HUTZ, 2015; BARBIERI, 2010). Quando o profissional adota uma abordagem menos formal busca-se entender os acontecimentos e fenômenos da vida do sujeito por meio de uma perspectiva afetivo, social e temporal dos fatos (BARBIERI, 2010).

Nessa perspectiva, a entrevista pode ser utilizada em diversos contextos e com diferentes finalidades, adotando sua forma mais estruturada, semiestruturada ou informal [aberta] (HUTZ, 2015; BARBIERI, 2010). No caso de entrevistas estruturadas, há um roteiro a ser seguido, sendo composta de perguntas mais diretas, com objetivos bem específicos. Portanto, a maior parte das perguntas são organizadas de tal forma que permitem respostas

breves, facilitando a análise das respostas realizada pelo profissional que deverá produzir hipóteses para nortear todo o processo de psicodiagnóstico (HUTZ, 2015).

Já nas entrevistas semiestruturadas, o profissional tem a opção de não ficar preso somente as questões estruturadas do roteiro, facilitando o aprofundamento das informações colhidas, explorando todo o contexto das respostas fornecida pelo indivíduo. Ainda assim, é interessante ressaltar que a entrevista semiestruturada apoia-se em tópicos, como na entrevista estruturada, porém o profissional pode se desviar de tais tópicos sempre que julgar necessário para compreender melhor o avaliando (HUTZ, 2015).

Na entrevista informal ou não estruturada [aberta], não há um protocolo a ser seguido, o profissional realiza uma escuta da fala do avaliando, realizando questionamentos sempre que necessário para melhor compreensão dos fenômenos descritos pelo indivíduo. O psicólogo pode explorar questões que julgue importante para o processo, realizando pontuações a fim de aprofundar determinado assunto. Um ponto em que esse tipo de entrevista pode deixar a desejar é com relação ao tempo já que é demandado um maior período para que a avaliação seja realizada (HUTZ, 2015; SANTIAGO, 2015).

A entrevista pode ser utilizada em diferentes momentos da avaliação psicológica, apresentando-se no início, meio ou fim do processo. Dessa maneira pode ser definida como Entrevista Inicial, quando realizada no início do processo com a finalidade de coletar informações importantes da história de vida e do momento atual do sujeito; Entrevista Subjacente que se refere aquelas entrevistas que são realizadas ao longo do processo para melhor compreensão do indivíduo ou quando o profissional julga necessário uma nova investigação sobre todo o contexto em que o sujeito está inserido; e por fim a Entrevista Devolutiva, onde é possível dar uma devolução ao paciente sobre seu próprio processo, transmitindo ao paciente as conclusões diagnósticas a que o profissional chegou ao analisar todas as informações obtidas na avaliação psicológica (SANTIAGO, 2014).

3.3.4 Observação Clínica

O olhar clínico é algo inerente ao profissional de psicologia e, portanto, está sempre presente no processo de avaliação psicológica. Dessa maneira, a observação clínica é um recurso utilizado pelo psicólogo em conjunto com as demais técnicas de avaliação, mesmo quando há a utilização de testes psicológicos, a observação clínica se faz importante, pois é por meio desta que o profissional se atenta aos comportamentos do indivíduo antes, durante e após a aplicação do teste. Essas sutilezas captadas pelo olhar clínico do profissional, embora

pareçam ser apenas pequenos detalhes, são fundamentais para que o psicólogo consiga ter uma melhor compreensão acerca das particularidades do avaliando (HUTZ, 2015).

A observação também pode ser utilizada enquanto técnica nas demais modalidades de atendimento psicológico, não restringindo-se somente a avaliação psicológica. Dessa maneira, assim como na aplicação de testes, a observação clínica se faz importante nas entrevistas, pois promove um diálogo não verbal que deve ser percebido e considerado no momento de análise das informações coletadas (HUTZ, 2015).

Por se tratar de um recurso indispensável nos serviços de psicologia, a observação clínica exige preparo técnico do profissional. Há alguns instrumentos de observação, como é o caso do “The Autism Diagnostic Observation Schedule”, uma ferramenta utilizada como protocolo para diagnosticar o autismo a partir da observação. Portanto, não se trata de um procedimento simples nem tão pouco fácil de ser aplicado, daí a importância do preparo e treinamento do olhar clínico tanto dos estudantes como dos profissionais de psicologia (HUTZ, 2014).

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de um estudo do tipo revisão de literatura no formato integrativo que consiste em um método que possibilita uma maior abrangência de informações e conhecimentos referente a determinada temática, viabilizando um estudo mais completo do fenômeno estudado. Dessa maneira, é possível realizar uma síntese das teorias, evidências e dados empíricos sobre o assunto pesquisado. Por se tratar de uma revisão mais ampla, possibilitando uma amostra maior, a revisão integrativa permite ao pesquisador gerar resultados mais consistentes (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A revisão integrativa é composta por seis fases: 1. Elaboração da pergunta norteadora; 2. Busca ou amostragem na literatura; 3. Coleta de dados; 4. Análise crítica dos estudos incluídos; 5. Discussão dos resultados; 6. Apresentação da revisão integrativa. Na primeira fase é definida a pergunta de partida que dará andamento a todo o estudo, além da delimitação dos métodos que serão utilizados na escolha e análise dos dados coletados. Na segunda fase deve-se buscar o material que será utilizado durante a pesquisa, a amostra da literatura deve ser ampla e garantir a confiabilidade dos resultados. Já na terceira deve-se extrair os dados da amostra de literatura determinada pelo pesquisador. Na quarta fase é realizada a análise dos dados das pesquisas encontradas acerca da temática e deve-se perceber a validação dos meios para se alcançar os resultados. Na quinta fase é realizada a interpretação e um resumo dos resultados obtidos, é por meio dessa interpretação que se pode identificar a possibilidade de lacunas oriundas do conhecimento obtido com a pesquisa. Na sexta e última fase, é realizada a apresentação de revisão e, portanto deve ser feita de maneira clara e completa, permitindo que as demais pessoas analisem os resultados de forma crítica (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Quanto ao método, este estudo classifica-se como dedutivo que consiste em explicar determinado assunto a partir de premissas que podem ser confirmadas ou negadas ao final da pesquisa, não havendo meio termo, ou se confirma a premissa como um todo ou se nega. No método dedutivo, ao contrário do indutivo, os argumentos devem partir de um conhecimento mais geral para um mais específico, ou seja, há uma renúncia da ampliação do conteúdo para que se possa atingir uma verdade, uma certeza (MARCONI; LAKATOS, 2017).

É importante deixar claro que quando se utiliza o método dedutivo em pesquisas, a conclusão não consiste propriamente dita, nas premissas levantadas anteriormente, mas sim na

relação entre o conhecimento prévio e a conclusão que se chega ao analisar as premissas levantadas no início do estudo. Dessa maneira, os argumentos do método dedutivo podem ser divididos em diferentes tipos, sendo a afirmação de antecedente e a negação do conseqüente, os mais comuns. No primeiro tipo há uma premissa condicional que coloca a segunda premissa como uma afirmação do antecedente, já no segundo tipo, há uma premissa condicional que coloca a segunda premissa como uma negação conseqüente da primeira premissa (MARCONI; LAKATOS, 2017). Esses conceitos podem ser explicados com maior clareza no quadro abaixo:

Tabela 1 – Argumentos do método dedutivo.

Afirmação do antecedente	Negação Conseqüente
Ex.: “Se José tirar nota inferior a 5, será reprovado.” (Premissa condicional) “José tirou nota inferior a 5.” “José será reprovado.” (Afirmação do antecedente)	Ex.: “Se a água ferver, então a temperatura alcançou 100°.” (Premissa condicional) “A temperatura não alcançou 100°.” “Então, a água não ferveu.” (Negação Conseqüente)

Fonte: MARCONI; LAKATOS (2017).

Em relação aos objetivos, esta pesquisa classifica-se como exploratória descritiva, ao passo que visa uma investigação do assunto, proporcionando maior compreensão de ideias da problemática estudada, buscando realizar uma descrição do fenômeno pesquisado (GIL, 2002). No que se refere a abordagem, esta pesquisa classifica-se como quantitativa que consiste em uma metodologia que descreve os fenômenos de forma sistemática, quantificada e objetiva. Geralmente utiliza-se de dados numéricos e estatísticos para lidar com os resultados do estudo, como intuito de mensurar essas informações buscando evitar possíveis equívocos na interpretação realizada pelo pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 2017).

4.2 FORMULAÇÃO DAS QUESTÕES NORTEADORAS DA PESQUISA

A formulação da pergunta de partida foi baseada nas leituras prévias realizadas pela pesquisadora, o que despertou o interesse em compreender melhor como se dá a utilização dos recursos disponíveis para a realização do diagnóstico e avaliação psicológica.

Dessa maneira, esta pesquisa tenta responder a seguinte questão: Quais as técnicas de avaliação psicológica mais utilizadas pelos profissionais de psicologia?

Diante da questão levantada acima, outro questionamento surgiu: De que forma se dá a utilização das técnicas para a realização da avaliação psicológica?

4.3 PERÍODO DA COLETA

O estudo foi desenvolvido entre os meses de agosto à novembro de 2018. Tendo em vista a quantidade de publicações relacionadas a temática proposta por este estudo, foi delimitado duas fontes de pesquisa que atendem a necessidade de uma amostra abrangente, assegurando a confiabilidade dos resultados. Dessa maneira, a pesquisa foi realizada nas bibliotecas virtuais SCIELO e Biblioteca Virtual em Saúde – BVS.

4.4 BASES DE DADOS E BIBLIOTECAS PARA BUSCA

A amostra consta dos artigos encontrados por meio dos seguintes descritores: Técnicas e procedimentos diagnósticos; Técnicas Psicológicas; Entrevista psicológica. Têm como foco a análise dos artigos publicados nos últimos dez anos, sendo, portanto, do período de janeiro de 2007 á dezembro de 2017.

4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Para compor o estudo utilizou-se os critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos dez anos em idioma português, artigos publicados nas bibliotecas SCIELO e Biblioteca Virtual em Saúde – BVS.

Não fizeram parte da pesquisa, por meio dos critérios de exclusão: publicações que não contemplem a temática, artigos duplicados, artigos com resultados inconclusivos e artigos que não seja possível o acesso ao conteúdo completo do estudo.

4.6 ANÁLISE, ORGANIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Foi analisada a quantidade de técnicas de avaliação psicológica e diagnóstico encontradas nos artigos publicados, a frequência que determinadas técnicas de avaliação psicológica aparecem nas publicações, a porcentagem referente ao uso de determinada técnica em detrimento de outra e o percentual da utilização de técnicas em conjunto com outra forma de avaliação psicológica.

A organização dos resultados se deu por meio de tabelas e a discussão da quantidade, a frequência e a porcentagem dos dados coletados com a amostragem proposta. A

interpretação se deu pelo viés descritivo e analítico dos dados coletados, apresentando uma descrição interpretativa dos resultados da pesquisa.

4.7 VARIÁVEIS DE DADOS

Tabela 2 – Levantamento dos artigos nas bases de dados SCIELO e BVS.

Descritores	Base de Dados	Quant. de artigos	Quant. de Incluídos
Técnicas e procedimentos diagnósticos.	SCIELO	40	0
Técnicas Psicológicas.	SCIELO	0	0
Entrevista psicológica.	SCIELO	103	3
Técnicas e procedimentos diagnósticos.	BVS	1.252	0
Técnicas Psicológicas.	BVS	168	6
Entrevista psicológica.	BVS	511	1
Técnicas e procedimentos diagnósticos AND			
Técnicas Psicológicas AND Entrevista psicológica.	SCIELO	0	0
Técnicas e procedimentos diagnósticos AND			
Técnicas Psicológicas AND Entrevista psicológica.	BVS	0	0

Fonte: Dados da pesquisa

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 103 artigos encontrados na base e dados SCIELO com o descritor “Entrevista Psicológica” foram excluídos 3 da pesquisa por serem duplicados, 1 por ser inconclusivo e 96 por não contemplarem a temática do estudo. Dessa forma, foram incluídos 3 artigos.

Já os 168 artigos disponíveis na BVS com o descritor “Técnicas Psicológicas” foram excluídos 4 por serem duplicados e 158 por não contemplarem a temática. Assim, foram analisados 6 artigos.

Entre os 511 artigos encontrados na BVS com o descritor “Entrevistas Psicológicas”, 4 foram excluídos por serem duplicados, 505 por não contemplarem a temática do estudo e 1 por não ter permitido o acesso ao texto completo, ficando portanto, 1 artigo analisado nesta pesquisa.

Na utilização dos demais descritores, não foi possível selecionar artigos para serem analisados já que os mesmos não se adequavam a proposta deste estudo. Vale salientar que a inexistência do termo “avaliação psicológica”, não presente nos cadastros do DCS, acaba impedindo uma busca mais ampla da temática junto às bases de dados.

Ao final da busca, dos 782 artigos encontrados, obteve-se uma amostra composta por 10 artigos que foram analisados e discutidos, visando responder aos objetivos deste estudo. Esses achados estão descritos, de maneira sucinta, na tabela 3.

Tabela 3 – Caracterização dos estudos selecionados.

Base de dados	Título	Autores	Periódico (v., n., p., ano)	Considerações
BVS	Avaliação clínica de relações familiares com a utilização da entrevista familiar estruturada (EFE): estudo de caso.	LEÃO; FERREIRA; CENCI.	Mudanças – Psicologia da Saúde, v. 22, n. 1, p. 1-7, Jan./Jun. 2014.	A utilização de ferramentas padronizadas para os terapeutas de família e de casal pode ser um importante recurso de compreensão das dinâmicas relacionais.
SCIELO	A Técnica de Autoapresentação do Psicodrama no auxílio de diagnóstico de depressão em idosos.	TEIXEIRA; ZANINI.	2015. 113f. Doutorado em Psicologia, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2015.	A Técnica de Autoapresentação do Psicodrama é um aspecto facilitador de diagnóstico da depressão em idosos e um embasamento para a intervenção terapêutica.
SCIELO	Autópsia psicológica e psicossocial sobre suicídio de idosos: abordagem metodológica.	CAVALCA NTE ET AL.	Ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, p. 2039-2052, ago. 2012.	a) A autópsia é realizada como uma reconstrução narrativa a partir de entrevistas com familiares e informantes próximos às vítimas; b) A principal vantagem das autópsias psicológicas é coletar e analisar informações contextualizadas que sirvam para se construir ações de prevenção

BVS	A avaliação psicológica em processos seletivos no contexto da segurança pública.	THADEU; FERREIRA; FAIAD.	Avaliação psicológica, Itatiba, v. 11, n. 2, p. 229-238, ago. 2012.	junto a idosos. Os testes psicológicos tem se mostrado a forma mais adequada e justa para mensuração de características necessárias para tomada de decisão quanto à vida profissional de indivíduos.
BVS	Considerações Preliminares à Condução de uma Avaliação Psicológica.	TAVARES.	Avaliação psicológica, Itatiba, v. 11, n. 3, p. 321-334, dez. 2012.	Em conjunto, as atividades de avaliação fornecem elementos que favorecem um diagnóstico diferencial, dinâmico e relacional mais rico e completo.
BVS	Além dos números há uma pessoa: sobre a utilização clínica de testes.	CAMPOS.	Avaliação psicológica, Itatiba, v. 12, n. 3, p. 291-298, dez. 2013.	A entrevista permite, entre outros aspectos, estabelecer uma relação de confiança antes da eventual aplicação de testes psicológicos. Maior relevância às técnicas projetivas expressivas, tais como o ludodiagnóstico, pois permite uma investigação mais ampla das estruturas mentais necessárias para o processo de socialização, bem como da compreensão sobre os elementos que envolvem a capacidade simbólica de uma criança.
BVS	A contribuição da análise das noções de espaço, tempo e causalidade nas técnicas projetivas diagnósticas: ludodiagnóstico e desenho da figura humana.	AFFONSO.	Psicologia: teoria e prática, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 101-116. 2011.	Reforça a importância do uso conjunto de diversas estratégias de avaliação e de testes coerentes com o referencial teórico adotado pelo psicólogo, de modo que ele interprete adequadamente os resultados.
BVS	Avaliação psicológica da depressão: levantamento de testes expressivos e autorrelato no Brasil.	ELY; NUNES; CARVALH O.	Avaliação psicológica, Itatiba, v. 13, n. 3, p. 419-426, dez. 2014.	Constata-se a presença quase permanente da entrevista como técnica privilegiada do processo de avaliação.
SCIELO	Avaliação psicológica de jovens com comportamentos desviantes.	NUNES ET AL.	Análise Psicológica, Lisboa, v. 33, n. 2, p. 179-193, jun. 2015.	No âmbito da investigação em Psicologia, pode-se recorrer à entrevista estruturada para aceder a informações objetivas e/ou subjetivas que, de outro modo, seriam difíceis de conseguir no contacto com o entrevistado/avaliado.
SCIELO	Comportamentos (a) normais e recurso à entrevista estruturada na avaliação de (in)imputáveis juridicamente privados de liberdade.	MARQUES; RIBEIRO.	Psicologia: ciência e profissão, Brasília, v. 33, n. 3, p. 564-579. 2013.	

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados apontam que 20% dos artigos analisados descrevem a utilização única e exclusiva dos testes como ferramenta para a realização da avaliação psicológica, enquanto 30% ressaltam o uso da entrevista. Em 10% dos artigos é preferível a utilização da entrevista (estruturada ou não) em conjunto com a aplicação de testes (psicométricos ou projetivos). Outros 10% apresentam a junção da entrevista e da observação como método diagnóstico.

Por outro lado, 20% da amostra sugere o uso complementar de testes, entrevistas e observação durante o processo avaliativo. No que diz respeito a utilização da técnica de

autoapresentação do psicodrama, 10% dos artigos dizem fazer uso dessa ferramenta como meio para realizar o diagnóstico.

A entrevista é uma ferramenta valiosa na avaliação psicológica individual de diferentes faixas etárias, sendo, portanto, recomendada como instrumento privilegiado no diagnóstico de crianças, adultos, casais, famílias, inclusive nas autópsias psicológicas, pois viabiliza uma compreensão maior das dinâmicas relacionais (LEÃO; FERREIRA; CENCI, 2014; MARQUES; RIBEIRO, 2013; CAMPOS, 2013; NUNES et al., 2015).

Em consonância, os autores Leão; Ferreira; Cenci (2014) descrevem que a entrevista, seja ela estruturada, semiestruturada ou aberta, é utilizada pela maioria dos profissionais como a principal ferramenta durante o processo de avaliação psicológica, por permitir, em maior e menor grau, uma interação entre o avaliado e o psicólogo avaliador. Em concordância, Cavalcante et al. (2012), destacam a necessidade do cuidado no manejo na utilização das entrevistas para que haja a menor interferência possível no processo avaliativo, aumentando a confiabilidade das informações colhidas e dos resultados obtidos.

Cavalcante et al. (2012) destaca que, a maneira como a entrevista é conduzida e da metodologia adotada pelo avaliador, irá contribuir para que esse método permita uma investigação mais aguçada dos fenômenos psicológicos e expressões corporais apresentadas pelos sujeitos no momento da avaliação que poderão implicar em questões objetivas e subjetivas da vida do analisando. Corroborando com essa ideia, Marques e Ribeiro (2013) descrevem que para além das informações formais de identificação pessoal, aspectos de caráter particular como os valores, costumes, opiniões e atitudes poderão ser observados durante avaliação psicológica por meio da entrevista.

No caso da avaliação de idosos e crianças, bem como nas autópsias psicológicas, os autores Leão, Ferreira e Cenci (2014), Cavalcante et al. (2012) e Teixeira e Zanini (2015) compartilham da ideia de que é necessário a realização de entrevistas complementares com terceiros, visando o detalhamento e a compreensão das informações a respeito do cotidiano e funcionamento do avaliado, possibilitando uma análise do conteúdo de maneira contextualizada.

Teixeira e Zanini (2015) descrevem a utilização da técnica de autoapresentação do psicodrama em conjunto com o uso de questionários, escalas e entrevistas para o diagnóstico de idosos com depressão. Esses autores destacam que é necessário um maior cuidado na avaliação de idosos, pois é preciso diferenciar o que são alterações em decorrência da idade e o que, de fato, são sintomas depressivos.

No diagnóstico com crianças, Affonso (2011) ressalta a importância do contato com os pais e/ou responsáveis legais pelo menor, até mesmo porque, são eles, na maioria das vezes, que procuram o atendimento psicológico e que fornecem a maior parte das informações iniciais a respeito da queixa, seja esta confirmada ou não pelo analisando.

O ludodiagnóstico como ferramenta primordial a partir da utilização do brincar e do brinquedo, destacando que o uso de testes projetivos em conjunto com os recursos lúdicos, pode fornecer um diagnóstico mais preciso e seguro, pois possibilitam a compreensão do funcionamento psíquico e simbólico da criança (AFFONSO, 2011).

Corroborando com essa perspectiva, os autores Ely, Nunes e Carvalho (2014), discutem as vantagens e desvantagens da utilização dos testes projetivos e psicométricos como método de avaliação psicológica. Destacam que no diagnóstico da depressão, os testes psicométricos não fornecem informações suficientes para estabelecimento do quadro clínico apresentado pelo sujeito, pois estes só pontuam a existência ou não de sintomas depressivos deixando escapar a intensidade desses sintomas e as questões idiossincráticas agregadas a eles. Por esse motivo, os autores pontuam que os testes projetivos podem ajudar a fornecer um resultado mais preciso e completo, levando em considerações as particularidades e como cada sujeito lida com os sintomas apresentados.

A utilização de testes projetivos, como afirmam Affonso (2011) e Ely, Nunes e Carvalho (2014), apoia-se na ideia diagnóstica obtida de maneira indireta, em oposição aos testes psicométricos que fundamentam-se na noção de objetividade, tanta na aplicação quanto na correção e interpretação dos resultados. Affonso (2011) acrescenta que os estímulos presentes nos testes projetivos irão ter efeitos diferenciados no avaliando já que irá fornecer informações menos estruturadas e por meio de recursos não verbais como brinquedos e desenhos, diminuindo as resistências e, conseqüentemente, fornecendo um resultado que oportunize a análise da autoexpressão do sujeito.

Por outro lado, Tavares (2012) e Campos (2013), destacam a importância da utilização de mais de um método durante a avaliação psicológica, afirmando que entrevista agregada ao uso dos testes e da observação clínica do profissional, garantem maior confiabilidade nos resultados e, de modo conseqüente, no diagnóstico e encaminhamentos futuros.

Tavares (2012) indica que, quando utilizadas de maneira conjunta e complementar, as técnicas de avaliação psicológica se mostram mais eficazes e confiáveis do que quando utilizados de maneira isolada, pois fornecem ao profissional a possibilidade de confrontar as informações e dados colhidos que podem ser corroboradas ou não. Portanto, a utilização de

duas ou mais técnicas permite um diagnóstico diferencial, completo e vasto em informações que propiciem um resultado mais coerente com a realidade do sujeito.

Nesse sentido, Campos (2013) afirma que, apesar de atualmente se reconhecer as vantagens do uso integrado de técnicas para realização do diagnóstico psicológico, ainda há uma bipolarização dos métodos padronizados em detrimentos de metodologias não padronizadas de avaliação psicológica, mas o oposto também ocorre. Para este autor, é preciso sanar essa ideia antiga e ultrapassada de que ou se utiliza testes e meios estruturados ou se faz uso de entrevistas e recursos não padronizados, pois a partir do rompimento dessa ideia é que os profissionais poderão ampliar o processo de avaliação psicológica e dispor de uma quantidade muito maior de instrumentos e técnicas.

Percebe-se que a utilização de instrumentos padronizados ou não, devem ser analisada de acordo com a necessidade de cada avaliador, levando em conta sua familiarização no uso de determinadas técnicas, pois é importante que o profissional se sinta confortável e seguro ao realizar os procedimentos.

Nessa perspectiva, Tavares (2012) afirma que a escolha do instrumento no processo avaliativo, depende de múltiplos fatores que inclui: a demanda apresentada pelo avaliando, o objetivo da avaliação psicológica, a abordagem teórica adotada pelo profissional e a preferência do psicólogo no uso de determinado instrumento. Campos (2013) reafirma essa visão e destaca a importância de considerar ainda, a familiarização que o avaliador tem com os métodos disponíveis, já que, no caso dos instrumentos estruturados e padronizados, exige-se um conhecimento prévio do profissional quanto ao uso, manejo e interpretação dos dados.

O mesmo autor pontua que boa parte dos profissionais não utilizam técnicas padronizadas justamente devido ao fato de estas exigirem um preparo prévio, implicando em um conhecimento teórico e prático específico acerca dos instrumentos (CAMPOS, 2013). Essa afirmação confirma o desfecho primário deste estudo e corrobora com a hipótese inicial da autora de que há uma carência no uso de instrumentos de ordem padronizada devido a exigência teórico-metodológica na utilização de testes e recursos mais estruturados, sendo preferível pela maioria dos profissionais, o uso de entrevistas, observação e demais instrumentos não padronizados.

Os objetivos e demandas referentes ao diagnóstico psicológico estão diretamente relacionadas ao contexto em que estas estão inseridas e, portanto, exigem do profissional uma postura que esteja em concordância com a finalidade de cada avaliação psicológica. Nesse sentido, Thadeu, Ferreira e Faiad (2012) alegam que, cada vez mais, se faz necessário a

elaboração de novas técnicas e instrumentos que viabilizem o processo de avaliação psicológica nos diversos cenários e campos de atuação públicos e privados da psicologia.

As demandas do processo de avaliação psicológica podem ser muito específicas como é o caso da avaliação de pessoas em processos seletivos (THADEU; FERREIRA; FAIAD, 2012), pessoas privadas de liberdade por ordem judicial e jovens com comportamentos desviantes (NUNES et al., 2015). No caso dos jovens com condutas desviantes ou pessoas privadas de liberdade, Nunes et al. (2015) afirma que é necessário estratégias e recursos que se adéquem a essa categoria distinta com o intuito de possibilitar uma avaliação que descreva, de fato, a conjuntura desse grupo e pessoas e que atenda as demandas apresentadas. Assim, o diagnóstico seria pautado na multiplicidade de técnicas, abrangendo todas as dimensões da vida do sujeito.

Em concordância, Thadeu, Ferreira e Faiad (2012) admite que em processos seletivos de pessoas há uma ameaça associado a avaliação psicológica tanto no contexto público como no privado, especialmente em profissões de alto risco de estresse como é o caso de policiais, professores e pessoas que compõem a equipe de saúde. Dessa forma, é importante que o avaliador se utilize de pelo menos duas técnicas e/ou instrumentos diferentes como a entrevista e os testes, visando uma intervenção, no sentido de promover uma melhoria nas demandas apresentadas pelo avaliando durante o diagnóstico e possíveis encaminhamentos decorrentes da avaliação.

Dentre as técnicas que podem ser utilizadas na seleção ou recrutamento de pessoas destaca-se “os testes psicológicos, as entrevistas, as amostras de trabalho e os centros de avaliação” (THADEU; FERREIRA; FAIAD, 2012, p. 232). Entretanto, os testes são tidos como os favoritos e mais utilizados, pois permitem mensurar a habilidade e o desempenho dos candidatos para assumir um cargo específico dentro das empresas públicas e privadas. Já os instrumentos menos estruturados e com características subjetivas como as entrevistas e as dinâmicas de grupo, raramente são utilizadas nos processos de seleção pública (THADEU; FERREIRA; FAIAD, 2012).

Por outro lado, Nunes et al. (2015) apresenta a utilização da observação e entrevista como meio mais seguro para avaliar o sujeito de forma contextualizada. Isso porque, tais técnicas permitem uma análise idiográfica levando em consideração aspectos individuais e subjetivos do avaliando, resultando em uma compreensão dos fenômenos não verbais como as expressões corporais, faciais e gesticulação. É interessante ressaltar que estes autores não desconsideram a relevância do uso de testes e outras metodologias estruturadas, porém, dão ênfase aos procedimentos não padronizados, citando a entrevista e a observação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a complexidade do processo de avaliação psicológica nos diferentes contextos e espaços de atuação da psicologia e nas mais variadas demandas que permeiam o diagnóstico psicológico exigindo a utilização de técnicas específicas, á exemplo, a avaliação de idosos, crianças, os processos seletivos de pessoas para cargos em empresas públicas e privadas, jovens com comportamentos desviantes ou não, pessoas privadas de liberdade e adultos. Dessa forma, a escolha dos instrumentos de avaliação requer do profissional um cuidado ético e moral, pois este deverá se atentar aos objetivos que a avaliação pretende alcançar, ao público alvo e a sua familiaridade com a técnica, sem negligenciar suas próprias limitações.

É importante que o psicólogo sinta-se seguro durante a realização da avaliação psicológica, evitando interferências que poderão resultar em um diagnóstico equivocado. Por esse motivo, os instrumentos e técnicas utilizadas devem fornecer o máximo de informações possíveis acerca do avaliando, possibilitando ao profissional ampliar sua visão sobre o funcionamento psíquico do sujeito e sua compreensão no momento da análise dos resultados decorrentes da avaliação, seja por meio do uso de testes, entrevistas, observação ou outras metodologias disponíveis.

A maioria das publicações analisadas neste estudo apresenta a entrevista como principal ferramenta para a realização da avaliação psicológica, sendo esta a mais utilizada pelos profissionais. Entretanto, destacam que o uso de duas ou mais técnicas distintas poderá contribuir com uma análise mais detalhada do sujeito através do confronto das informações e dos resultados obtidos por intermédio dos instrumentos padronizados e não padronizados.

Apesar das técnicas não padronizadas serem mais comumente utilizadas pelos psicólogos, admite-se que a aplicação de testes e métodos mais estruturados pode ser uma importante ferramenta na avaliação de sintomas e construtos importantes no diagnóstico de transtornos e doenças mentais como a depressão e ansiedade. Todavia, pelo fato dos testes exigirem um conhecimento prévio e um preparo técnico específico para utilização desse instrumento, boa parte dos artigos analisados enfatiza que os profissionais se sentem mais seguros ao utilizar a entrevista e/ou observação clínica do que os testes.

Espera-se que esta pesquisa possibilite a realização de novos estudos que abordem essa temática de maneira aplicada e condizente com a realidade local, visando a construção de novos recursos, bem como o aprimoramento dos instrumentos já disponíveis no mercado para a avaliação psicológica.

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Rosa Maria Lopes. A contribuição da análise das noções de espaço, tempo e causalidade nas técnicas projetivas diagnósticas: ludodiagnóstico e desenho da figura humana. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 101-116. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de out. de 2018.
- ANCONA-LOPEZ, Marília. Contexto geral do diagnóstico psicológico. In: TRINCA, Walter e colaboradores (organizadores). **Diagnóstico psicológico: prática clínica**. v. 10. São Paulo: E.P.U., 2015. cap. 1, p. 1-13.
- AVOGLIA, Hilda Rosa Capelão. O sentido da avaliação psicológica no contexto e para o contexto: uma questão de direito. **Psicólogo informação**. São Paulo, v. 16, n. 16, p. 179-190, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092012000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 de abr. de 2018.
- BARBIERI, Valéria. Psicodiagnóstico Tradicional e Interventivo: Confronto de Paradigmas?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Ribeirão Preto, v. 26 n. 3, p. 505-513, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a13v26n3.pdf>>. Acesso em: 06 de mai. de 2018.
- BORSA, Juliane Callegaro. Considerações sobre a formação e a prática em avaliação psicológica no Brasil. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 131-143, mar. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mai. de 2018.
- CAMPOS, Rui C. Além dos números há uma pessoa: sobre a utilização clínica de testes. **Avaliação psicológica**, Itatiba, v. 12, n. 3, p. 291-298, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de out. de 2018.
- CAVALCANTE, Fátima Gonçalves et al. Autópsia psicológica e psicossocial sobre suicídio de idosos: abordagem metodológica. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, p. 2039-2052, aug. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000800015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de out. de 2018.
- CESCON, Luciana França. Avaliação psicológica: passado, presente e futuro. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 4, n. 1, p. 99-109, jun. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v4n1/a08.pdf>>. Acesso em: 01 de mai. de 2018.
- COHEN, Ronald Jay; SWERDLIK, Mark E.; STURMAN, Edward D.. **Testagem e avaliação psicológica: introdução a testes e medidas [recurso eletrônico]**. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Cartilha avaliação psicológica**. Brasília, DF, 2. ed. nov. 2013. Disponível em: <<http://satepsi.cfp.org.br/docs/cartilha.pdf>>. Acesso em 16: de abr. de 2018.

_____. **Resolução nº 002/2003**. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Brasília, DF, 24 de mar. 2003. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf>>. Acesso em: 01 de mai. de 2018.

_____. **Resolução nº 007/2003**. Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica e revoga a Resolução CFP nº 17/2002. Brasília, DF, 14 de jun. 2003. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/06/resolucao2003_7.pdf>. Acesso em: 01 de mai. de 2018.

_____. **Resolução nº 09/2018**. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Brasília, DF, 25 de abr. 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>>. Acesso em: 06 de mai. de 2018.

ELY, Paula; NUNES, Maiana Farias Oliveira; CARVALHO, Lucas de Francisco. Avaliação psicológica da depressão: levantamento de testes expressivos e autorrelato no Brasil. **Avaliação psicológica**, Itatiba, v. 13, n. 3, p. 419-426, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de out. de 2018.

EVANGELISTA, Paulo. O Psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial grupal como possibilidade de ação clínica do psicólogo. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**, v. 22, n. 2, p. 219-224, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3577/357748351014/>>. Acesso em: 09 de mai. de 2018.

GASPARETTO, Gislaine Gisele; SCHMIDT, Eluisa Bordin. Instrumentos utilizados no processo psicodiagnóstico em uma Clínica Escola. **Perspectiva**, Erechim, v. 37, n.140, p. 39-48, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_371.pdf>. Acesso em: 04 de mai. de 2018.

GIL, Antonio Carlos. – 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUTZ, Claudio Simon. O que é avaliação psicológica: métodos, técnicas e testes. In HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcelli. (Organizadores). **Psicometria**. Porto Alegre: Artmed, 2015. cap. 1, p. 11-21.

KRUG, Jefferson Silva; TRENTINI, Clarissa Marcelli; BANDEIRA, Denise Ruschel. Conceituação de psicodiagnóstico na atualidade. In: HUTZ, Claudio Simon et al. (Organizadores). **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016. cap. 1, p. 16-20.

LEÃO, Luzia Catarina Adamczyk; FERREIRA, Vinícius Renato Thomé; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. Avaliação clínica de relações familiares com a utilização da entrevista familiar estruturada (EFE): estudo de caso. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 22, n. 1, p. 1-7,

Jan./Jun. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4528>>. Acesso em: 10 de set. de 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, Emília Tavares; RIBEIRO, Jose Luis Pais. Comportamentos (a) normais e recurso à entrevista estruturada na avaliação de (in)imputáveis juridicamente privados de liberdade. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 564-579. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de out. de 2018.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli et al . Curvas de referência de pontos brutos no Stanford-Binet Intelligence Scale de crianças e adolescentes. **Psico-USF**, Itatiba, v. 17, n. 3, p. 369-377, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de mai. de 2018.

MIGUEL, Fabiano Koich. Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 1, p. 97-106, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 de mai. de 2018.

MILANI, Rute Grossi; TOMAEL, Mercês Maria; GREINERT, Bruna Rafaela Milhorini. Psicodiagnóstico interventivo psicanalítico. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 80-95, jun. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v5n1/a06.pdf>>. Acesso em: 09 de mai. de 2018.

NUNES, Laura M. et al. Avaliação psicológica de jovens com comportamentos desviantes. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 33, n. 2, p. 179-193, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de set. de 2018.

PINTO, Elza Rocha. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 135-153, Jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de mai. de 2018.

SALLES, Rodrigo Jorge. **O psicodiagnóstico interventivo psicanalítico com idosos deprimidos na clínica social**. 2014. 118f. Dissertação (Mestre em Ciências na área de Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-13102014-111318/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de mai. de 2018.

SANTIAGO, Mary Dolores Ewerton. Entrevistas Clínicas. In: TRINCA, Walter e colaboradores (organizadores). **Diagnóstico psicológico: prática clínica**. v. 10. São Paulo: E.P.U., 2015. cap. 6, p. 67-81.

SARTES, Laisa Marcorela Andreoli; SOUZA-FORMIGONI, Maria Lucia Oliveira de. Avanços na psicometria: da Teoria Clássica dos Testes à Teoria de Resposta ao Item.

Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 241-250, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de mai. de 2018.

SODRÉ, Larissa Aparecida da Costa Silva; OLIVEIRA, Roberto Menezes. **Contribuições do psicodiagnóstico interventivo no diagnóstico do autismo**. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/5556/5/Larissa%20Aparecida%20da%20Costa%20Silva%20Sodr%c3%a9.pdf>>. Acesso em: 07 de mai. de 2018.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102>. Acesso em: 08 de abr. de 2018.

TAVARES, Marcelo. Considerações Preliminares à Condução de uma Avaliação Psicológica. **Avaliação psicológica**, Itatiba, v. 11, n. 3, p. 321-334, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de out. de 2018.

TEIXEIRA, Adalgisa Regina; ZANINI, Daniela S.. **A Técnica de Autoapresentação do Psicodrama no auxílio de diagnóstico de depressão em idosos**. 2015. 113f. Doutorado em Psicologia, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2015.

THADEU, Sayonara Helena; FERREIRA, Maria Cristina; FAIAD, Cristiane. A avaliação psicológica em processos seletivos no contexto da segurança pública. **Avaliação psicológica**, Itatiba, v. 11, n. 2, p. 229-238, ago. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. de 2018.

TRENTINI, Clarissa Marcelli; BANDEIRA, Denise Ruschel; KRUG, Jefferson Silva. Escolha dos instrumentos e das técnicas no psicodiagnóstico. In: HUTZ, Claudio Simon et al. (Organizadores). **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016. cap. 7, p. 68-72.

YEHIA, Gohara Yvette. Psicodiagnóstico fenomenológico-existencial: focalizando os aspectos saudáveis. In: ANCONA-LOPEZ, Sílvia (organizadora). **Psicodiagnóstico interventivo: evolução de uma prática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.